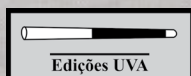


Carlos Augusto Pereira dos Santos
Organizador

Nossa Gente, Nossa História

O Ceará Republicano

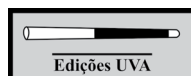


Carlos Augusto Pereira dos Santos
Organizador

Nossa Gente, Nossa História

O Ceará Republicano

Sobral-CE
2019



Nossa Gente, Nossa História. O Ceará Republicano

© 2019 copyright by Carlos Augusto Pereira dos Santos (Organizador)

Impresso no Brasil/Printed in Brasil.

Efetuada depósito legal na Biblioteca Nacional.



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1328
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222 / 9 9846.8222
sertaocult@gmail.com / mammarco@gmail.com

Conselho Editorial

Adriana Brandão Nascimento Machado
Carlos Augusto P. dos Santos
Isorlanda Caracristi
Nilson Almino de Freitas
Regina Celi Fonseca Raick
Telma Bessa Sales
Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Revisão

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Foto da capa

Passeio público, Fortaleza, 1919

Catálogo na publicação

Leolgh Lima da Silva – CRB3/967



Av. da Universidade, 850 - Campus da Betânia - Sobral - CE

CEP 62040-370 - Telefone: (88) 3611.6613

Filiada à



Reitor

Fabianno Cavalcante de Carvalho

Vice-Reitora

Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque

Diretora das Edições UVA

Maria Socorro de Araújo Dias

Conselho Editorial

Maria Socorro de Araújo Dias (Presidente)
Alexandra Maria de Castro e Santos Araújo
Ana Iris Tomás Vasconcelos
Carlos Augusto Pereira dos Santos
Claudia Goulart de Abreu
Eneas Rei Leite
Francisco Helder Almeida Rodrigues
Israel Rocha Brandão
Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque
Maria Adelane Monteiro da Silva
Maria Amélia Carneiro Bezerra
Maria José Araújo Souza
Maria Somália Sales Viana
Maristela Inês Osawa Vasconcelos
Raquel Oliveira dos Santos Fontinele
Renata Albuquerque Lima
Simone Ferreira Diniz
Tito Barros Leal de Ponte Medeiros
Virgínia Célia Cavalcanti de Holanda

N785 Nossa gente, nossa história: o Ceará republicano. / Santos, Carlos Augusto Pereira. (Org.) - Sobral: Sertão Cult; Edições UVA, 2019.
294p.

ISBN: 978-85-67960-25-8
ISBN: 978-85-9539-035-5
DOI: 10.35260/67960258-2019

1. Sertão. 2. Educação 3. Cultura.
I. Título. II. Santos, Carlos Augusto Pereira.

CDD 981.31

Sumário

Nossa História, Nossa Gente. À guisa de prefácio e apresentação / 5

Parte 1 - O sertão da água, da seca e da religião

1. “O rio é uma riqueza imensa”: Usos e tradições sobre a importância da água no sertão de Santa Quitéria-CE (1960-1980) / 9

Maria Malena Paiva Mesquita

2. As mulheres e a seca: sobrevivência feminina em tempos de escassez em Varjota-CE (1980- 1990) / 19

Francisca Clédia Sousa de Oliveira

3. Os bastidores da seca: exploração dos trabalhadores nas frentes de serviço do Açude Araras, Varjota-CE (1951-1958) / 33

Letícia Rodrigues Gonçalves

4. Políticas públicas de combate à seca no município de Croatá-CE (1983-1996) / 45

Caubi Alves Braga

Naiane Nobre Martins

5. A seca e as obras de socorro no Ceará republicano (1889-1915) / 55

Pedro de Souza Filomeno Filho

6. Entre fanáticos e cassacos: a presença da Irmandade da Cruz nos sertões do norte do Ceará (1900-1903) / 65

Raimundo Nonato Fernandes

Parte 2 - O mundo do trabalho e da educação

7. “Se a gente fosse viver só de trabalhar pros outros a gente morria”. Memórias da Casa Grande: moradores, rendeiros e agregados na cidade de Alcântaras-CE (1907-1920) / 85

Jaiana Kelly Rodrigues Alcântara

8. “Depois foi que veio essa modernização”: as transformações nos engenhos de cachaça artesanal em Alcântaras-CE (1960-2000) / 95

Adelina Lopes Guimarães

9. Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Coreauá-CE: criação e processo de organização (1965 a 1990) / 103

Sebastião Ferreira Carneiro

10. O Ensino de História e cultura indígena em Hidrolândia-CE: a Lei 11.645 de 2008 e os meios para uma descolonização da imagem do indígena / 119

Paulo Ênio de Sousa Melo

11. Práticas de combate ao analfabetismo no Ceará / 133

João Henrique Brito Lima

12. A Educação na República / 145

Natanael Lopes Alves

Parte 3 - Culturas e sociabilidades diversas

13. Historiografia e cinema: percepções da diversidade na sétima arte / 157

Vinícius Pereira de Sousa

14. Espaços de sociabilidades homoafetivas em Sobral-CE (1950-2018) / 175

Alan Silva de Moraes

15. “Zé Maria mulher”: representatividade e resistência umbandista em Sobral / 185

Antonio Tarciano Aragão Sousa

16. “Mas digo uma coisa, não é a gente que cura, mas sim Deus”. Memórias de benzedeadas em Alcântaras-CE / 197

Maria Deiziane Lino

17. “Eu entrei nessa brincadeira quando eu era um menino”. Memórias sobre o reisado groairense / 205

Raimundo Sousa Alves

18. Corpo em movimento, *Street Dance* e agências de patrimonialização cultural: uma experiência de pesquisa (Sobral-CE) / 221

Cleane dos Santos de Medeiros

Nilson Almino de Freitas

19. Ambivalências poéticas nas canções de Belchior – a ida e o regresso / 233

Francisco Sávio Barbosa do Nascimento

Parte 4 - Política e economia nas tramas do cotidiano

20. A Ação Integralista Brasileira (AIB) e sua influência no interior do Ceará: memórias do Integralismo em Ibiapina / 247

Odail José Martins Freire

21. A economia e seus impactos: Uma análise sobre Camocim (1930-1950) / 255

Valério Samaromni Moraes de Queiroz

22. Emissoras de rádio de Camocim: o relacionamento com grupos políticos, cultura e comércio locais (1980-1989) / 261

Maely Alves de Mesquita

23. A história da República passa por aqui! Camocim-CE (1889-1950) / 273

Carlos Augusto Pereira dos Santos

Nossa Gente, Nossa História. À guisa de prefácio e apresentação

No semestre 2018.1, propusemos aos alunos da disciplina de História do Brasil III que escrevêssemos sobre a nossa gente, aquela que está mais próxima de nós, convivendo conosco ou mesmo um pouco distante num passado recente. A ideia era que se aproveitassem as pesquisas que estavam sendo feitas para a escrita dos seus respectivos TCC's e adaptássemos as temáticas para o período republicano, tempo que converge ao estudo da mencionada disciplina acima. Teríamos, portanto, uma espécie de painel do Ceará Republicana, pelos temas levantados nas primeiras aulas. Poucos alunos tiveram de sair do seu raio de pesquisa para cumprir com o objetivo final – publicar um livro com os artigos dos alunos em fase final de curso.

Durante todo o semestre, tivemos a discussão de uma obra que nos serviu de guia e inspiração: *Histórias da Gente Brasileira*. Volume 3, República. Memórias (1889-1950), de autoria da historiadora Mary Del Priore. Foi uma experiência interessante, pois cada vez que as discussões eram estabelecidas, sentíamos que aquelas histórias contadas, no caso do terceiro volume, narradas pelo viés da memória, eram questões que nos diziam respeito, que já ouvíramos contar pelos nossos pais e avós.

Por outro lado, constatamos também que estávamos especialmente longe dos exemplos contados nas diversas partes do livro referenciado. Apesar do fôlego e do abarcamento da obra empreendida por Mary Del Priore¹, o Nordeste e, especialmente o Ceará, pouco são citados. Logicamente que compreendemos os limites de um projeto editorial desta envergadura e da logística de pesquisa. Para nós, longe disso ser um aspecto desmotivador, ao contrário, fez com que, como se preenchêssemos uma lacuna, jogássemos todas as nossas forças na construção de histórias que representassem e contassem um pouco mais de nós.

O resultado foi a escrita de vinte e três artigos, divididos em quatro partes temáticas que podem ser conferidas no sumário e ao longo do livro. Portanto, empreendemos um mergulho no universo sertanejo, falando da alegria da chegada do inverno, do inferno da seca e das práticas religiosas que beiraram o fanatismo (Parte 1). Adentramos no mundo do trabalho e esticamos a jornada para compreendermos os projetos e propostas de escolarização e educação do nosso povo (Parte 2).

¹ *Histórias da Gente Brasileira* é um projeto editorial escrito pela historiadora Mary Del Priore que cobre os diversos períodos da História do Brasil. Volume 1 – Colônia, Volume 2 – Império, Volume 3 – República (1889-1950) e Volume 4 (1950-2000), publicados pela Editora LeYa, 2017.

Por outro lado, foi necessário falarmos da diversidade cultural que nos caracteriza. O que tem em comum o universo *queer* no cinema e as sociabilidades homoafetivas no espaço citadino? O que um pai de santo e um conjunto de mulheres rezadeiras podem nos dizer sobre a prática da cura? Quais são as fronteiras culturais entre dançadores de reisado, jovens bailarinos da periferia e a obra do cantor Belchior? São interrogações que poderão ser respondidas, ou não, lendo-se o conjunto de artigos da Parte 3. Finalizando, como a política e a economia interferem no cotidiano de uma cidade? É o que os autores propõem discutir na Parte 4, evidenciando as características singulares na história dos municípios de Ibiapina e Camocim.

Um último aviso ao leitor. Os textos aqui reunidos são de alunos em formação, mesmo estando em fase final de conclusão de curso. Expressam, portanto, suas trajetórias acadêmicas dentro de seus limites e potencialidades e devem ser entendidos e compreendidos dentro dessa dimensão. Como organizador, procurei interferir o mínimo no processo de orientação da escrita e incentivei que eles dividissem os processos de escrita com seus orientadores. Daí que, a maioria dos textos, já serem partes de suas monografias ou artigos finais de curso.

6 | Dizer, finalmente, que foi gratificante compartilhar saberes e ensinamentos com todos vocês, por isso o faço nominalmente: *Maria Malena Paiva Mesquita, Francisca Clédia Sousa de Oliveira, Letícia Rodrigues Gonçalves, Caubi Alves Braga, Naiane Nobre Martins, Pedro de Souza Filomeno Filho, Raimundo Nonato Fernandes, Jaiana Kelly Rodrigues Alcântara, Adelina Lopes Guimarães, Sebastião Ferreira Carneiro, Paulo Ênio de Sousa Melo, João Henrique Brito Lima, Natanael Lopes Alves, Vinícius Pereira de Sousa, Alan Silva de Moraes, Antonio Tarciano Aragão Sousa, Maria Deiziane Lino, Raimundo Sousa Alves, Cleane dos Santos de Medeiros, Francisco Sávio Barbosa do Nascimento, Odail José Martins Freire, Valério Samaronni Moraes de Queiroz e Maely Alves de Mesquita.*

Boa leitura a todos!

Carlos Augusto Pereira dos Santos (Org.)

Camocim, outubro de 2018.

15. “Zé Maria Mulher”: representatividade e resistência umbandista em Sobral

Antonio Tarciano Aragão Sousa¹

Mito fundador da Umbanda

Ao estudar a umbanda em Sobral, percebe-se que a figura do Pai de Santo “Zé Maria Mulher” se faz presente nas memórias de muitos umbandistas e pesquisadores da religião, oferecendo uma representatividade e resistência de grande importância para a popularidade da umbanda nesta cidade. A análise das memórias produzidas pelo pai de santo foi feita sob a perspectiva da construção do processo de fundação da umbanda e da cidade de Sobral/CE, como veremos adiante.

Diante da história de fundação da Umbanda no Brasil, um dos questionamentos que mais é discutido pelos pesquisadores da área é o mito fundador da religião. Sá Junior estuda o mito fundador da Umbanda e percebe que a sua construção “esteve inserida em uma realidade histórica brasileira da passagem do Império à República”². Sá Junior observa que no período de mudança do modelo social escravista para o livre, houve uma nova construção das lógicas explicativas, nas quais se criou não apenas um regime político, mas se conservou uma hierarquia social identificada pelas elites de proprietários rurais, a grande massa de escravos e uma pequena quantidade de uma classe média urbana. A partir deste período que se buscou criar uma história da nação brasileira, construindo um passado da nação através de “invenções de tradições”, como aponta Hobsbawm (1984), legitimando as instituições imperiais e republicanas. Seguindo um estudo sobre a construção da nação, Hobsbawm afirma que existem mudanças no significado do conceito de nação, sendo possível distinguir três etapas: “Na primeira, de 1830 a 1880, a nação é identificada ao princípio da nacionalidade. Na segunda, de 1880 a 1918, à língua, à religião e à etnia, e, no terceiro, de 1918 a 1960, à ideia de consciência nacional”³.

Schwarz (1993) entende que a invenção de uma história do Brasil foi inventariada nesse segundo momento, onde o conceito de raça teve um pa-

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA.
² SÁ JUNIOR, Mario Teixeira de. A invenção do Brasil no mito fundador da Umbanda. *Revista Eletrônica História em Reflexão*: Vol. 6 n. 11 – UFGD – Dourados. Jan/jun. 2012, p. 2.
³ HOBBSAWN, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1780*: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994, *Apud*, SÁ JUNIOR, *Op. cit.*, p. 3.

pel fundamental, servindo como base para a construção da história da “alva nação Brasil”⁴, onde o colonizador desempenha papel principal, enquanto negros e indígenas ocupam espaços coadjuvantes. Portanto, para a autora, o mito das três raças e a importância de cada uma na construção da “alva nação Brasil” encontra-se em todas as pesquisas que buscaram escrever uma História do Brasil, “pois a questão racial é discutida, tendo por base os conceitos de evolução, civilização e progresso, como definidores do modelo da nação”⁵. Essa ideia, ao ser repetida inúmeras vezes, cria no imaginário brasileiro a falsa impressão de uma unidade representativa homogênea, e se mostra como uma solução imaginária para conflitos que não podem ser resolvidos no nível da realidade.

Afirma-se que os intelectuais umbandistas, criadores do mito fundador da Umbanda, seguiram o modelo acima, buscando identificação com essa alva nação brasileira⁶. A invenção do mito fundador umbandista está associada a este momento histórico, e seus intelectuais utilizaram destes conceitos para se aproximar da construção da nação brasileira, propondo inventar um passado imaginário⁷, fazendo com que os membros dessa nação, cada qual tomando seu lugar, pudessem desenvolver o seu sentimento de pertencimento.

186 | Sá Junior conclui que entender este mito é compreender a lógica que os intelectuais umbandistas utilizaram para se aproximar e produzir diálogos com o processo histórico gerador da nação brasileira⁸.

Partindo para a análise da origem e seu processo de “religião autenticamente brasileira”, como conceitua Emerson Giumbelli, temos como notório respaldo e poucas críticas da sociedade umbandista a figura de Zélio Fernandino de Moraes. Neste caso, adquire proeminência a figura de Zélio de Moraes, cuja notoriedade se produz em torno de certo reconhecimento de seu papel de “fundador” ou de “pioneiro da Umbanda no Rio de Janeiro e arredores”⁹.

Muitos umbandistas têm como data de origem de sua religião a manifestação da entidade Caboclo das Sete Encruzilhadas, incorporado no médium Zélio de Moraes. Este fator, segundo Artur Cesar Isaia¹⁰, contribui para a

⁴ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 16.

⁵ SÁ JUNIOR, Mario Teixeira de, *Op. cit.*, p. 3.

⁶ *Idem*.

⁷ ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Rio de Janeiro: Ática, 1989, *apud* SÁ JUNIOR, Mario Teixeira de, *Op. cit.*, p. 3,

⁸ SÁ JUNIOR, Mario Teixeira de, *Op. cit.*, p. 12.

⁹ GIUMBELLI, Emerson. *Zélio de Moraes e a origem da umbanda no Rio de Janeiro*. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (org.). *Caminhos da Alma: memória afro-brasileira*. São Paulo: Summus/Selo Negro Edições, 2002.

¹⁰ ISAIA, Artur Cesar. *Ordenar progredindo: a obra dos intelectuais da Umbanda no Brasil da primeira metade do século XX*. Anos 90 (UFRGS), Porto Alegre, v. 11, n.11, p.97-120, 1999.

formação do “mito fundador” da Umbanda. A ideia do “mito fundador” da Umbanda é apresentado nas edições da Revista Espiritual de Umbanda. Na primeira edição da revista, já percebemos uma forte valorização das figuras de Zélio de Moraes e da sua filha, Zilméia de Moraes, ao Caboclo das Sete Encruzilhadas e a Tenda Nossa Senhora da Piedade¹¹. Em algumas edições, essas figuras aparecem com maior respaldo do que em outras, mas em nenhuma há o questionamento do papel fundador para a religião.

A primeira edição, como já citado, traz uma matéria de cinco páginas com o título “Zélio Fernandino de Moraes: A primeira manifestação oficial da Umbanda” e, logo em seu primeiro parágrafo, informa que “no ano de 1908, no município de São Gonçalo, Rio de Janeiro, o jovem Zélio Fernandino de Moraes (sic), então com 17 anos, recebeu a primeira manifestação oficial de Umbanda”¹².

Ao longo da matéria, é relatado que no dia 15 de novembro de 1908, às 20 horas, teria sido dado início aos trabalhos espirituais da Umbanda, na Tenda Nossa Senhora de Piedade, na liderança de Zélio de Moraes. E com a chegada do patrono da Tenda, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, anuncia que:

Vim para fundar a Umbanda no Brasil, aqui se inicia um novo culto, em que os espíritos de pretos-velhos africanos e índios nativos de nossa terra poderão trabalhar em benefício dos seus irmãos encarnados, qualquer que seja a cor, raça, credo ou posição social. A prática da caridade no sentido do amor fraterno, será a característica principal desse culto¹³.

| 187

Como esclarece Artur Cesar Isaia¹⁴, a data de fundação da Umbanda não seria uma mera coincidência, pois existia uma necessidade dos estudiosos da Umbanda, da primeira metade do século XX, em fixar esta data como marco de evolução, portanto ligada com data da instituição da República brasileira.

Ao concluirmos as discussões acerca do processo de fundação da Umbanda, iniciaremos análises sobre Sobral, mais precisamente sobre o conceito de “sobralidade triunfante”.

“Sobralidade Triunfante” e “Sobral no Plural”

Dentro da Microrregião Norte do Ceará, Sobral é a cidade de destaque e objeto desta pesquisa. A cidade, localizada na Zona Noroeste do estado,

¹¹ Tenda Nossa Senhora da Piedade – Considerado o primeiro templo de Umbanda, sendo fundado por Zélio de Moraes. *Apud* PINHEIRO, André de Oliveira. *Revista Espiritual de Umbanda: Mito fundador, Tradição e Tensões no Campo Umbandista*. Florianópolis: 2009, p. 50.

¹² PINHEIRO, André de Oliveira. *Op. cit.*, p. 52.

¹³ *Idem*, p. 41.

¹⁴ ISAIA, Artur Cesar. *Ordenar progredindo: a obra dos intelectuais da Umbanda no Brasil da primeira metade do século XX*. Anos 90 (UFRGS), Porto Alegre, v. 11, n.11, p.97-120, 1999.

a cerca de 225 km de distância da capital, Fortaleza, tem, segundo o IBGE, uma área territorial de aproximadamente 2.122,297 km². Sobral tem uma população de aproximadamente 188.233 habitantes. Porém, o próprio Instituto já estimou que, em 2016, a cidade possuía uma população de aproximadamente 203.682 habitantes. O município possui a segunda maior economia do interior do Ceará, ficando atrás apenas de Juazeiro do Norte¹⁵.

Partindo da gênese do município e do seu desenvolvimento, identifica-se o processo histórico de mudança da “*Fazenda Caiçara (1742)* à condição de *Villa Distincta e Real de Sobral (1773)*, chegando à categoria de *Fidelíssima Cidade Januária do Acaraú (1841)*, para depois ser somente *Sobral (1842)*”¹⁶.

Ao se delimitar um território, podemos assim iniciar análises sobre aquele local, e conseguimos perceber na população os reflexos do sentimento de pertencimento, além de identificarmos assim, características próprias daquele território e diferenciações sobre outros. Essas características são geradas por meio da construção de um discurso que estabelece uma identidade coletiva. Esse processo, como narra Freitas (2000), é muito comum, e não apenas observado no Ceará, mas em vários outros estados e regiões. A construção desses discursos de identidade coletiva pode variar a partir dos sujeitos sociais que a narram, ou de uma identificação em específico. Freitas (2005) direciona seu olhar para a construção da identidade sobralense a partir da elite do município e a sua elaboração discursiva que tem a pretensão de caracterizar e representar cada cidadão sobralense.

Apesar de ser perceptível a representação da elite da cidade nas relações de poder e na construção de discursos afirmativos, Freitas (2000) aponta que esta elite não é homogênea e que dentro deste âmbito social existem disputas por posições privilegiadas, surgindo “autoridades” sobre autoridades. Nota-se, a partir dessa percepção, que essa representatividade da elite municipal é escorregadia como qualquer outra e necessita ser analisada a partir do seu tempo histórico. Este trabalho segue analisando a construção e a naturalização do discurso sobre uma “sobralidade triunfante”¹⁷, considerando como elite os sujeitos históricos propostos pelo autor, focando naqueles que obtiveram importantes cargos hierárquicos eclesiásticos, jornalísticos, intelectuais e acadêmicos. Freitas (2003) conclui que o termo “sobralidade” funciona como um “designador rígido” que não se modifica e perdura, e que identifica, de forma genérica, cada cidadão sobralense, sendo utilizada pelo poder público como um divisor nítido municipal, principalmente em relação a Fortaleza. Portanto, todo sobralense seria igual diante desse imaginário

¹⁵ Dados retirados do IBGE. Censo de 2016.

¹⁶ SILVA JÚNIOR, Agenor Soares e. *Cidades Sagradas. Da “Roma cearense” a “Jerusalém sertaneja”*: A Igreja Católica e o desenvolvimento urbano no Ceará (1870-1920) Sobral e Juazeiro do Norte. Sobral: Edições ECOA, 2015, p. 187.

¹⁷ FREITAS, Nilson Almino de. *Sobral Opulência e Tradição*. Sobral: Edições UVA, 2000. p. 115.

de “identidade”, e este fator é utilizado como justificativa nos documentos do Tombamento do Patrimônio Histórico de Sobral¹⁸.

Estes processos históricos contribuíram para a construção do discurso de uma “sobralidade triunfante” pela elite sobralense, e como explica Freitas (2003), esta camada social utiliza deste discurso como padrão de todas as categorias sociais da cidade. Porém, esta sobralidade é representativa de uma camada social, a elite. Percebemos que a narrativa de origem se desenvolve utilizando as riquezas dos fazendeiros e comerciantes, e que a partir dessa narrativa outras surgem demonstrando a riqueza e revelando fases culturais econômicas significativas de Sobral¹⁹.

Através da discordância do discurso da “sobralidade triunfante”, Oliveira e Freitas (2010) propõem a construção de uma narrativa histórica que abrangesse além do cidadão triunfante o “cidadão comum”²⁰. Diante disso, houve a produção em 2010 do filme “Sobral no Plural”. Este filme foi apresentado no “II Visualidades” e traz uma série de entrevistas realizadas com diversos moradores de Sobral. O Visualidades é um evento organizado pelo Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas - Labome, laboratório vinculado ao Curso de Ciências Sociais da UVA. Esse evento incentiva a produção de vídeos e exposições que relacionem pesquisa e imagem. O filme foi produzido com base nos arquivos audiovisuais do Labome.

Entende-se que não se pode pensar a cidade como uma homogeneidade cultural²¹, pois ela apresenta-se múltipla e variada. Os autores declaram que a história de Sobral não se apresenta de forma didática como se apresenta na política de monumentalização, pois a cidade não se define apenas das opulências. O filme conta a história daqueles que supostamente sustentaram a ideia de “sobralidade triunfante”, que são representados pela “história oficial” como membros que preservam a tradição da cidade. Uma das principais contribuições do filme é um estudo sobre os bairros sobralenses. Diversos moradores puderam contar a sua história e dos seus bairros, demonstrando a diversidade sociocultural presente no município. Diante de uma série de entrevistas realizadas, será priorizada neste momento a discussão da relação entre Sobral e a Igreja Católica e a falsa afirmativa de que a cidade é exclusivamente católica²².

Silva Júnior (2010) aponta que para os estudiosos da história de Sobral existe uma concordância quanto à gênese do povoamento, que estaria na doação de terras, no século XVIII, pelo capitão Antônio Rodrigues Maga-

¹⁸ *Id. Ibid.*, p. 61.

¹⁹ *Id. Ibid.*, p. 59.

²⁰ FREITAS Nilson Almino de; OLIVEIRA, Paulo Passos de. *O filme e o arquivo: contexto e concepção do documentário “Sobral no plural”*. 2010, p. 88.

²¹ *Id. Ibid.*, p. 87.

²² FREITAS Nilson Almino de; OLIVEIRA, Paulo Passos de, *Op. cit.*, p. 87.

lhães e sua mulher, Quitéria Marques de Jesus, os donos da fazenda Caiçara, para a construção de uma igreja matriz que servisse de sede para o Curato da ribeira do Acaraú. Esse, para os estudiosos da história da cidade, seria o marco inicial do desenvolvimento da fazenda e do surgimento de um povoado ao redor da igreja. O autor segue descrevendo as relações estabelecidas entre a cidade e a Igreja Católica, e aponta que a cidade se desenvolveu ao redor das igrejas, sendo que inúmeras ruas foram traçadas a partir desse fator. Silva Júnior (2010) informa que a Matriz da cidade seria a “pedra angular” e que esta igreja seria como o rio Acaraú e a serra da Meruoca, ou seja, um ponto de orientação espacial. Por fim, o autor afirma que este processo histórico gerou o imaginário sobralense de uma cidade sagrada, uma cidade católica.

Freitas e Oliveira (2010) concordam com o imaginário de uma cidade presa à religião católica, mas apontam que o município não parte de uma homogeneidade cultural e demonstram a forte presença da Igreja Protestante na cidade, além de ser uma cidade formada também por umbandistas e candomblecistas. Em seu filme, os pesquisadores entrevistaram o pai-de-santo Pai Padrinho, morador do bairro Dom Expedito, buscando apresentar a diversidade religiosa sobralense. Pai Padrinho relata que existe uma forte aproximação do seu bairro com seu terreiro, sendo muito querido pela população local, e afirma que nunca sofreu preconceito por ser umbandista. Ao trazer este diálogo com Pai Padrinho, Oliveira e Freitas (2010) possibilitam que se perceba uma cidade múltipla, com muitas figuras que não são prestigiadas pelo imaginário da “sobralidade triunfante”, mas que dentro dos diversos bairros pesquisados têm suas memórias construídas e preservadas.

Iniciaremos agora a percepção sobre o umbandista mais conhecido de Sobral, percebendo que mesmo com a construção do imaginário de uma cidade católica, trouxe a resistência e a representatividade umbandista para a cidade.

As memórias e a representatividade de Zé Maria Mulher

José Maria Lima, popularmente conhecido como Zé Maria Mulher, pai-de-santo de Umbanda, líder espiritual do Terreiro Ogum Marinho, é uma das figuras mais populares da Umbanda sobralense. Não se sabe se ele foi o primeiro umbandista da cidade, porém, a popularidade que Zé Maria Mulher trouxe para a Umbanda em Sobral é perceptível a todos que adentrarem não apenas em ambientes de pesquisas relacionadas à religião, mas para a grande maioria de umbandistas da cidade. Para os entrevistados ao longo de toda essa pesquisa, a figura do pai-de-santo é sempre lembrada como pioneira na popularização da religião dentro da cidade, além de deixar para a cidade uma grande quantidade de filhos de santos. Um breve estudo sobre sua memória nos possibilita iniciar um reconhecimento da Umbanda em Sobral.

Zé Maria chega em Sobral em novembro de cinquenta e seis e não podendo alojar-se na casa de sua irmã, aluga uma pequena casinha na rua do meio, onde dá início as suas atividades religiosas para se tornar o umbandista mais conhecido e respeitado da cidade de Sobral. [...] A maioria das pessoas habitantes da cidade há algum tempo, já ouviram falar de Zé Maria Mulher. No decorrer da pesquisa como estratégia para confirmar a popularidade deste pai-de-santo, sempre fazia comentários com amigos e conhecidos a seu respeito, se não o conheciam já haviam ouvido falar. Pegar um táxi ou mototáxi e pedir para ir ao terreiro do Zé Maria Mulher, não precisa explicar o endereço²³.

O antropólogo Gleidson Vieira dos Santos, em seu trabalho *A Pomba-Gira no imaginário das prostitutas*, realizado na cidade de Sobral, traz em sua escrita etnográfica a transcrição de uma entrevista realizada pelo autor com Zé Maria Mulher. Santos (2006) indica a necessidade da “cristalização de informações que até hoje permanecem na oralidade”²⁴. Após percebemos a força do discurso sobre a “sobralidade triunfante”, o registro das memórias daqueles que não aparecem neste discurso pode nos levar a imaginar a história de Sobral a partir de novas perspectivas. Percebe-se que existe uma forte presença da Umbanda em Sobral, porém, a presença do discurso triunfante do município e a sua forte relação com a Igreja Católica anulam a presença desta religião em nosso território. Porém, percebe-se ao adentrar nas pesquisas sobre esta temática que existe em nosso município uma grande quantidade de terreiros de Umbanda, e que se necessita desconstruir o falso imaginário de uma Sobral unicamente católica, pois a partir dessa perspectiva é que se fundamenta o preconceito religioso sofrido e observado nos terreiros de Umbanda.

|191

A partir dessa perspectiva e da análise das entrevistas realizadas por Santos (2006), inicia-se um olhar sobre a trajetória de vida de Zé Maria Mulher, assim é possível que haja uma quebra do discurso sobre uma sociedade homogênea e iniciem-se análises sobre os reflexos da multiplicidade social e cultural encontrada no município. Em sua primeira entrevista, Zé Maria Mulher relata como a sua mediunidade era “confundida” com doenças e como, por isso, teve sua infância conturbada.

- Meu filho, quando no início, quando tinha cinco anos eu era doente, eu comecei a sentir coisas e a minha raça pensava que

²³ SANTOS, Francisco Gleidson Vieira dos. *A Pomba-Gira no imaginário das prostitutas*. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Sobral, 2006, pp.33-34.

²⁴ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. *Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”*. In: SIMSON, Olga de Moraes Von (org.). *Experimentos com Histórias de vidas: Itália-Brasil*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988. *apud*. SANTOS, *Op. cit.*, p. 31

eu ia dar era ataque de epilepsia. Dias de segunda-feira, de terça, de quinta que eu sentia as coisas veio uma prima minha, prima minha não, prima da minha mãe que foi embora há um tempão e casada e quando voltou foi só e ganhou muito e quando ela chegou nos dias da minha doença que eu sentia as coisas e ela diz:

- Já sei, Chaguinha não dá este remédio que esse menino não tem doença não.

- Mulher como é que tu sabe o que este menino tem?

- Este menino tem espírito.

- Pelo amor de Deus, mais ante(sic) uma boa morte. (Entrevista cedida em 2001 apud. SANTOS, 2006).

Aos cinco anos, Zé Maria relata que sua mãe, convencida pela prima, o levou em uma sessão com uma “macumbeira”, expressão utilizada pelo pai-de-santo, em Camocim. Ao iniciar a sessão, a “entidade”, não identificada na entrevista, relata que não havia nenhuma doença na vida do menino, mas que a criança nascera com a mediunidade de incorporação, opondo-se em fazer qualquer trabalho contra isso, indicando apenas alguns banhos que a criança deveria tomar. Estes banhos, segundo Zé Maria Mulher, ajudaram-no por dois anos, pois quando ele completou a idade de sete anos, sua mediunidade retornou com características mais fortes.

192 |

Aí passei dois anos numa legal quando foi num dia quando eu completei sete anos aí voltou tudo de novo muito mais forte, ninguém mandava mais na minha vida, tá (sic) entendendo? A noite alguém vinha a mim não sei se sonhando e dizia assim: eu sou fulana, o meu... aí começava a cantar, começava a cantar e me levava noutra parte que não era o meu lugar, você tá entendendo né? E cantava, no outro dia eu cantava aquela música, aquela doutrina todinha pra minha avó ou pra alguém da minha confiança. (Entrevista cedida em 2001 apud. SANTOS, 2006).

A partir desta idade, Zé Maria Mulher relata que iniciou seus trabalhos mediúnicos e, às vezes, utilizava do dinheiro da mãe para a compra de velas. Ele continua relatando que também conseguia dinheiro atendendo espiritualmente algumas pessoas, logo ficando muito conhecido.

Sua mãe nunca aceitou a sua relação com a Umbanda, afirmou o entrevistado, e sempre que descobria seus trabalhos mediúnicos, batia nele, quebrava as suas velas e o proibia de ir ao pé de jurema²⁵. A relação com sua mãe se agravou quando ele completou dez anos, pois começou a ser perseguido pela Igreja e pela polícia de sua cidade, Massapê. Aos onze anos, sua mãe não aguentando a perseguição que estavam sofrendo, mandou o filho ir embora.

²⁵ Jurema – Árvore muito comum na região nordestina e considerada sagrada por muitas religiões de matrizes africanas e afro-ameríndias.

Fui pra Fortaleza, já perseguido morando em Massapé que lá era perseguido pelo padre Neo e pela polícia porque eu trabalhava, ai minha mãe me butou(sic) pra Fortaleza pra casa de uma irmã, a Teresinha. Quando eu cheguei lá comecei com amizade com uma pessoa e a pessoa [...] andava nas macumba e fez uma operação de vesícula e quando, pediu pra eu tomar conta, dar de comer o cachorro dela e o gato quando ela chegou eu tinha afirmado uns ponto pro mestre Carlo da Jurema pra ela ser bem sucedida na operação. Quando ela chegou sete hora da noite e foi dormir quando foi de manhã que ela foi no quintal viu os ponto ai quase morre. – Zezim como é que você faz uma coisa dessa eu deixei você tomar conta da minha casa, você deixou alguém entrar pra acender vela. – Lurdinha quem acendeu os ponto fui eu pedindo misericórdia, cura pra você, pra você voltar pra dentro de casa. – Ô Zezim você entende disso, você entende? - entendendo, eu trabalho. – pois pronto quando eu melhorar nós vamos numa macumba. Fui numa macumba quando cheguei lá [...] o caboclo me botou pra fora que eu era criança [...] eu me arrependi da hora que eu nasci de ter ido embora pra Fortaleza e ta(sic) ali e ter desobedecido a minha mãe, ai no camim(sic) eu chorando ela, - Não Zezim num(sic) chore não que quando for daqui a oito dias nós vamos numa macumba de uma pessoa boa. Ai eu tava vendo a hora passar o mês todim(sic) e não chegar esse domingo [...] levando ela na bicicleta quando eu cheguei a macumbeira tava sentada na área, na área não no jardim da casa dela já trajada de macumba, ela – Ei minha filha entre, como é que cê(sic) ta(sic)? Andava me butando(sic) chifre por ai, ela disse - Não madrinha eu fiz foi uma operação, ai levantou uma peça, levantou a outra e mostrou. - E essa coisinha linda aqui quem é? - mora de frente a minha casa, madrinha ele num trabalha, eu vi ele trabalhando. – trabalha? – trabalha. Pronto ai quando a macumba começou ela trabalhou quando ela despertou ai foi me botar pra trabalhar. Primeira vez que eu trabalhei em Fortaleza, enquanto ela tava trabalhando eu passei mal com agonia de corrente e ela veio pegou na minha cabeça, passou uma limpeza e eu melhorei [...] Ela me botou pra trabalhar, eu recebi o meu guia que era meu pai de cabeça e por coincidência o meu guia era o guia dela e quando ele chegou disse que queria se sentar na cadeira dele e todo mundo ficou em dúvida, ai ele disse na frente dela e na frente do cambone que era marido dela,- Meu filho essa cadeira é a minha eu só to ocupando outra matéria, eu sou o Rei dos Índios, quero me sentar me dê meu charuto. Minha filha você, faz oito ano que eu venho na sua cabeça e que não venho em médio nenhum, vim trazer o meu filho pra você terminar de faze(sic). Ai ela foi se ajoelhou nos pés dele, se deitou e ele saravou ela e ela beijou e se agarrava muito chorando. Ai então começou tudo! Ai eu passei quatro ano lá sendo uma pessoa muito importante, tanto pra ela e o marido dela como o povo, mas os filho-de-santo só faltava me matar. Quando eu tava trabalhando até furada de alfinete coisaro(sic) e de cigarro pra saber se eu tava atuado.

Ai morreu uma filha dela com onze mês de casada morreu de ataque eclampe(sic) e ela se desgostou, se decepcionou, disse que eu viesse me embora pra minha terra que ela ia embora pra Brejo Santo. Ai eu vim me embora, isso novembro de cinquenta e seis, passei doze dias na casa da minha irmã Nilza, minha irmã disse que ia mandar uma carta pra minha mãe no Massapê pra minha mãe vim me buscar que num(sic) queria macumbeiro na casa dela não”²⁶.

A utilização da última transcrição, sendo esta por completo, se faz necessária para uma noção de como eram estabelecidas as relações entre as entidades e os umbandistas, pois como a entrevista nos revela, a entidade Rei dos Índios foi o propulsor da permanência de Zé Maria Mulher na própria Umbanda. Após ser expulso da casa de sua irmã, já que ela não aceitava sua religião, Zé Maria Mulher buscou uma residência na cidade de Sobral, onde se instalou e iniciou seu atendimento espiritual. O pai-de-santo afirma que ao chegar em Sobral, com catorze anos, começou a procurar casa para alugar, localizando uma na “Rua do Meio”, onde começou a trabalhar atendendo clientes e soltando baralho.

194 | Depois da morte de sua mãe, aos dezesseis anos, Zé Maria Mulher, já havendo deixado seu antigo endereço, registrou seu terreiro na rua Mont’Alverne, no bairro do Campo dos Velhos. Torna-se popularmente lembrado, não apenas pela comunidade umbandista sobralense, mas por uma grande maioria dos cidadãos sobralenses. Zé Maria Mulher morreu em 2008, mas suas giras deixaram de ocorrer, gradativamente, a partir dos anos 2000.

Abaixo, segue uma fotografia que mostra a figura de Zé Maria Mulher, ao centro da imagem, incorporado com a Pomba-Gira Cigana, e acompanhado de assistentes.

²⁶ José Maria Lima (Zé Maria Mulher). Pai de Santo. Entrevista concedida a Gleidson Vieira dos Santos. In: SANTOS, *Op. cit.*, p. 35-36.



Figura 01 - Zé Maria Mulher e assistentes. Fonte: Arquivo do autor.

Hoje se percebe que a propagação do discurso sobre a “sobralidade triunfante” trouxe para Sobral uma falsa identidade de cidade unicamente católica, tendo excluído as diversas representatividades religiosas presentes na cidade, sobretudo a Umbanda. Por fim, considera-se que mesmo diante de toda dificuldade representativa, a figura do Pai-de-Santo Zé Maria Mulher trouxe reconhecimento para a religião e construiu, dentro de Sobral, uma imagem constantemente lembrada pela comunidade umbandistas e por uma parcela significativa de cidadãos sobralenses.

Autores desta obra

Maria Malena Paiva Mesquita, Francisca Clédia Sousa de Oliveira, Letícia Rodrigues Gonçalves, Caubi Alves Braga, Naiane Nobre Martins, Pedro de Souza Filomeno Filho, Raimundo Nonato Fernandes, Jaiana Kelly Rodrigues Alcântara, Adelina Lopes Guimarães, Sebastião Ferreira Carneiro, Paulo Ênio de Sousa Melo, João Henrique Brito Lima, Natanael Lopes Alves, Vinícius Pereira de Sousa, Alan Silva de Moraes, Antônio Tarciano Aragão Sousa, Maria Deiziane Lino, Raimundo Sousa Alves, Cleane dos Santos de Medeiros, Nilson Almino de Freitas, Francisco Sávio Barbosa do Nascimento, Odail José Martins Freire, Valério Samarooni Moraes de Queiroz, Maely Alves de Mesquita, Carlos Augusto Pereira dos Santos

Nossa Gente, Nossa História é o resultado da escrita de vinte e três artigos, divididos em quatro partes temáticas que podem ser conferidas no sumário e ao longo do livro. Portanto, empreendemos um mergulho no universo sertanejo, falando da alegria da chegada do inverno, do inferno da seca e das práticas religiosas que beiram o fanatismo (Parte 1). Adentramos no mundo do trabalho e esticamos a jornada para compreendermos os projetos e propostas de escolarização e educação do nosso povo (Parte 2).

Por outro lado, foi necessário falarmos da diversidade cultural que nos caracteriza. O que tem em comum o universo *queer* no cinema e as sociabilidades homoafetivas no espaço citadino? O que um pai de santo e um conjunto de mulheres rezadeiras podem nos dizer sobre a prática da cura? Quais são as fronteiras culturais entre dançadores de reisado, jovens bailarinos da periferia e a obra do cantor Belchior? São interrogações que poderão ser respondidas, ou não, lendo-se o conjunto de artigos da Parte 3. Finalizando, como a política e a economia interferem no cotidiano de uma cidade? É o que os autores propõem discutir na Parte 4, evidenciando as características singulares na história dos municípios de Ibiapina e Camocim.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-9539-035-5



9 788595 390355